



## POETAS DE TODO O MUNDO\*

**Donizeth Aparecido dos Santos\*\***  
**Faculdade de Telêmaco Borba – Fateb**  
[donizeth.santos@hotmail.com](mailto:donizeth.santos@hotmail.com)

**RESUMO:** O artigo apresenta uma abordagem do sentimento de solidariedade entre os negros de todo o mundo, presente na poesia dos escritores africanos de língua portuguesa: Francisco José Tenreiro, Agostinho Neto, Viriato da Cruz e Noémia de Sousa, bem como dos afro-brasileiros Solano Trindade e Oliveira Silveira. A solidariedade negra, oriunda do Pan-africanismo e difundida pelos movimentos culturais negros surgidos a partir dele, foi uma das maiores recorrências literárias na poesia africana de língua portuguesa dos anos 1940 e 1950 e na afro-brasileira da década de 1960 à de 1980.

**ABSTRACT:** This article presents an approach to the feeling of solidarity among the world black people present in the poetry of the African writers of Portuguese language: Francisco José Tenreiro, Agostinho Neto, Viriato da Cruz and Noémia de Sousa, as well as of the Afro-Brazilian Solano Trindade and Oliveira Silveira. The black people solidarity, originated from Pan-africanism and spreaded by black cultural movement arisen from it, was one of the biggest literary recurrences in the African poetry of the Portuguese language of the years 1940's and 1950's and in the Afro-Brazilian one of the decade of 1960's to the 1980's.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia africana de língua portuguesa – Poesia afro-brasileira – Solidariedade

**KEYWORDS:** African poetry of the Portuguese language – Afro-Brazilian poetry – Solidarity

### Introdução

A solidariedade sem fronteiras para com as pessoas da raça negra, não importando o local de nascimento e sim a cor da pele e a origem comum, é uma das maiores recorrências na poesia africana de língua portuguesa dos anos 40 e 50, e afro-brasileira da década de 60 à de 80. É a apologia do “negro de todo o mundo”, na qual, o sujeito poético assumindo um caráter coletivo torna-se o porta-voz da sua raça, e se

---

\* Algumas partes deste artigo foram apresentadas no IX Congresso da ABRALIC, realizado em julho de 2004 na UFRGS, com o título de “Vozes de toda América, vozes de toda África”. Na época em que o texto foi produzido, o autor fazia parte do Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e estava vinculado a CAPES.

\*\* Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente, é professor de Literatura Portuguesa da Faculdade Telêmaco Borba/PR (Fateb).

solidariza com todos os negros oprimidos, sejam aqueles que foram escravizados no passado ou os que estão sofrendo a opressão colonial e o preconceito racial no presente, ao mesmo tempo em que exalta as grandes personalidades do mundo negro que se tornaram verdadeiros símbolos para a raça, como o líder revolucionário haitiano Toussaint-Louverture, o pastor evangélico Martin Luther King, o músico Louis Armstrong, e os poetas Langston Hughes, Nicolas Guillén, Aimé Césaire e Senghor, entre outros.

Essa literatura cem por cento negra, alicerçada na valorização da raça, surge nas colônias lusófonas em África num período em que começa a germinar uma reação anti-colonial, amparada por uma redescoberta das origens africanas, antes ocultada pela assimilação cultural européia; e no Brasil ela aparece no momento em que os afro-descendentes começam a se conscientizar de suas origens e lutar contra a discriminação racial a que estavam submetidos. A quebra da mordaza imposta ao negro só foi possível graças ao movimento Pan-africanista e aos movimentos que surgem a partir dele: o Renascimento Negro norte-americano, o Indigenismo haitiano, o Negrismo cubano e a Negritude francófona.

Durante um longo período na história o negro foi silenciado. Seja na África ou em qualquer outro continente para o qual foi transportado, ele foi arbitrariamente rebaixado ao posto de subalterno. Teorias científicas foram elaboradas com o firme propósito de provar a sua inferioridade frente às raças brancas européias, para que se pudesse justificar a sua escravização. Até o texto bíblico foi evocado para colocá-lo sob a maldição de Cam e disfarçar, sob o manto de uma missão cristã civilizadora, os motivos econômicos das nações imperialistas européias que a plenos pulmões exaltavam o caráter nobre dessa missão de civilizar uma raça caracterizada pela barbárie. E assim procederam os ingleses, franceses, espanhóis, alemães, holandeses e portugueses, impondo-lhes sua línguas, culturas e religiões.

Do século XVI até a segunda metade do século XIX, período em que durou o tráfico negreiro e a escravidão legal, milhões de negros foram arrancados do solo africano, num verdadeiro “parto forçado”, conforme expressão utilizada pelo poeta Oliveira Silveira, e instalados em todas as partes do mundo, mas sobretudo na América, onde os povos autóctones não tinham se adaptado à escravidão e havia a necessidade de mão-de-obra de baixíssimo custo para a colonização dessa nova terra; e assim começou a diáspora africana.

Adaptado às novas terras e culturas, mas sempre reduzido à mais baixa escala étnico-social, foi justamente na diáspora que o negro iniciou sua reação contra a discriminação racial e a assimilação cultural a que estava submetido. Essa reação foi iniciada nos Estados Unidos, um dos países de maior segregação racial no mundo, e denominou-se Pan-africanismo, pregando uma solidariedade sem fronteiras entre os negros.

A principal manifestação cultural desse movimento foi o Renascimento Negro norte-americano, espalhando-se a seguir pelas Antilhas, influenciando o surgimento do Indigenismo haitiano e Negrismo cubano, chegando a Paris nos anos 30, onde três estudantes negros oriundos de colônias francesas (Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor e Leon Damas) criaram o movimento da Negritude, utilizando-se, a princípio, do jornal *L'Étudiant Noir* para a propagação de suas idéias. Ressalvadas as pequenas diferenças entre esses movimentos, todos eles se guiaram pelas mesmas linhas mestras: o resgate e a valorização da identidade negra e a união dos africanos e afro-descendentes.

### **Pan-africanismo e Renascimento Negro norte-americano**

O Pan-africanismo, movimento que se assentava na idéia de unidade da raça negra, seja em África ou em diáspora, surgiu no final do século XIX nos Estados Unidos. Para Charles Akinde, “[...] ele nasceu no fim do período mais triste de uma época histórica – o Comércio da Escravatura Transatlântica – e o começo de uma nova não menos lamentável, o Colonialismo”.<sup>1</sup> O crítico literário português Pires Laranjeira comenta o início e o desenvolvimento do Pan-africanismo:

Apareceu como um movimento racial, cultural e político (que agregava uma componente sindical), desenvolvendo-se, segundo essas três vertentes, em separado ou conjugadas, ao longo do tempo e do espaço, primeiro nos EUA, no final do século XIX e, depois, já no actual, expandindo-se para a Europa e a África de língua inglesa, para finalmente, atingir a Europa e a África de língua francesa. Como doutrina, pugnava pela unidade política de toda a África, nomeadamente a subsaariana, e mesmo de todos os negros, como um bloco sócio político.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> AKINDE, Charles apud LARANJEIRA, Pires. *A Negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995, p. 49.

<sup>2</sup> Ibid., p. 49-50.

Segundo o autor,<sup>3</sup> Edward Blyden foi o primeiro (em 1893) a falar em uma personalidade africana alicerçada na recuperação do orgulho da raça, e no ano seguinte era fundada a *African Association*. Três anos depois (1897), Willian E. B. Du Bois sugere a criação do movimento Pan-africano, e em 1900 era realizada em Londres a Primeira Conferência Pan-africana, promovida pelo advogado de Trinidad, Henry Sylvester Willians, que lançou “[...] a idéia de solidariedade fraterna entre africanos e povos de ascendência africana”.<sup>4</sup> Após esse primeiro passo foram realizados cinco congressos Pan-africanos organizados por Du Bois: Paris (1919), Londres (1921), Londres (1923), Nova York (1925) e Manchester (1945). Laranjeira também observa que foi graças à George Padmore (sobrinho de Sylvester Willians) que o movimento conseguiu abandonar o reduto norte-americano e se expandir para a África, nos oito anos dos primeiros quatro congressos.

Assim como o movimento da Negritude que ainda estava por vir, o Pan-africanismo teve duas vertentes: essa a que estamos nos referindo, tendo à sua frente Sylvester Willians, Du Bois, Blyden e Padmore, que segundo Pires Laranjeira<sup>5</sup>, propugnava uma solidariedade negra para além da geografia ou da classe, adotando o reconhecimento da identidade negra na sua realização nacional, integrada e assimilada à nação, e solidária com os africanos e a restante diáspora fora da África; e uma outra de caráter racista, megalomânica e demagoga, liderada pelo jamaicano Marcus Garvey, que propunha um utópico retorno de todos os negros norte-americanos à África. As duas vertentes do Pan-africanismo foram responsáveis pelo despertar da consciência negra, que inspirou os vários movimentos de libertação nacional na África e foi o embrião dos movimentos culturais que surgiram a partir dos anos 20: o Renascimento Negro norte-americano, o Indigenismo haitiano, o Negrismo cubano e a Negritude francófona, que por sua vez revelaram ao mundo uma nova maneira de ser negro, resgatando o orgulho da origem africana, revalorizando suas tradições e sua participação na construção da história. Pires Laranjeira comenta a grande influência que o movimento pan-africanista exerceu sobre o mundo negro africano:

É, hoje, tido como assente que o Pan-africanismo influenciou todos os grupos e movimentos da sociedade, da política e da cultura dos negros

---

<sup>3</sup> LARANJEIRA, Pires. **A Negritude africana de língua portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1995, p. 50.

<sup>4</sup> Ibid., p. 48.

<sup>5</sup> Ibid., p. 51.

africanos e extra-africanos no sentido de uma identificação com a sua comunidade racial e, muitas vezes, com um sentimento e uma prática de solidariedade e fraternidade universal.<sup>6</sup>

O principal nome do movimento foi o norte-americano Willian Edward Burghard Du Bois (1868-1963). Intelectual negro (doutor em Filosofia) que passou pelas Universidades de Fusk, Haward e Berlim, e que é considerado por Zilá Bernd, o “pai do movimento de tomada de consciência de ser negro”<sup>7</sup> e por Kabengele Munanga, “o pai do pan-africanismo contemporâneo”,<sup>8</sup> merecendo também, na visão deste último, ser considerado o “Pai da Negritude”, movimento que eclodiria em Paris nos anos 30.

A primeira das manifestações culturais oriundas do Pan-africanismo foi o Renascimento Negro,<sup>9</sup> formado por escritores negros norte-americanos, sobre os quais Du Bois exerceu grande influência. Zilá Bernd, comentando a influência de Du Bois e do Pan-africanismo para a eclosão do Renascimento Negro, e também a grande importância deste último, afirma que:

Pode-se considerar que o movimento de Du Bois foi o embrião para a conquista de espaços mais importantes de afirmação surgidos nos anos 20 no bairro nova-iorquino do Harlem (bairro negro), onde uma população estimada em 300 mil negros não tinha deixado morrer formas artísticas herdadas de sua ancestralidade africana. Surge o *Negro Renaissance*, ou renascimento negro, que, como o nome indica, pretendia fazer reviver a autoconsciência do negro americano, propondo não uma utópica volta à África, mas uma redefinição do papel do negro em solo norte-americano. Entre os articuladores do movimento estão os hoje muito lidos e traduzidos escritores norte-americanos Langston Hughes, Claude Mackay e Richard Wright, entre outros, que passaram a fazer da denúncia da situação de discriminação e de opressão econômica de que eram vítimas sua temática obsessional.<sup>10</sup>

Esse “movimento intelectual de negros empenhados em participar na crescente valorização do homem negro e na luta pela igualdade de direitos com os brancos”<sup>11</sup> surge nos anos 20, trazendo “para a literatura uma consciência grupal e racial, de herança africana e reivindicação sócio-política”. Dentre os integrantes do movimento, além dos já citados, estavam os escritores Countee Cullen, Arna Bontemps, Frank

<sup>6</sup> LARANJEIRA, Pires. *A Negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995, p. 51.

<sup>7</sup> BERND, Zilá. *O que é Negritude?* São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 23.

<sup>8</sup> MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986, p. 36.

<sup>9</sup> O Renascimento Negro norte-americano também é conhecido pelos nomes de Black Renaissance, Harlem Renaissance e New Negro.

<sup>10</sup> BERND, 1988, op. cit., p. 23.

<sup>11</sup> LARANJEIRA, 1995, op. cit., p. 26.

Horne, Helene Johnson, Gwendolyn Bennet, Carl Van Vechten, Alain Locke, James Weldon Johnson, Charles Johnson, J. Fauset, W. White, A. H. Fauset, Herkovits, Jean Toomer, e também atores e cantores que conseguiram projeção internacional como Josephine Baker, Paul Robeson e Marian Anderson. Estes dois últimos foram os influenciadores dos poemas “Deixa passar o meu povo”, da moçambicana Noémia de Sousa, e “Let my people go”, do brasileiro Oliveira Silveira.

A poesia dos poetas negros norte-americanos, principalmente de Langston Hughes, percorreu todo o mundo negro, influenciando os futuros criadores do Indigenismo haitiano, do Negrismo cubano e da Negritude.

### **Indigenismo haitiano e Negrismo cubano**

O Indigenismo surge no Haiti em 1927, em torno da revista *La Revue Indigène*, que editou seis números até 1928. Segundo Zilá Bernd,<sup>12</sup> o movimento Indigenista que nasceu sob a inspiração do Negro Renaissance norte-americano, não foi um simples eco de seu predecessor. Amparando-se em Jahn, a autora afirma que o Indigenismo haitiano foi mais sensível à vida popular afro-americana, resgatando, por exemplo, o culto vodu, proibido e marginalizado pelo colonizador por considerá-lo bárbaro e primitivo. Numa outra obra, Bernd<sup>13</sup> observa que os povos indígenas (Caráibas e Arauaques) que habitavam não só o Haiti, mas todo o Caribe foram totalmente dizimados pelo conquistador, e assim o termo “indígena” passou a designar a herança cultural africana, e desse modo, o Indigenismo pregava o retorno à cultura autóctone e popular, valorizando os falares crioulos e o vodu. Pires Laranjeira tem uma opinião semelhante a de Bernd, conforme podemos verificar no seu comentário sobre o programa do movimento:

O programa do Indigenismo (da autoria de Normil Sylvain, um nome desconhecido no exterior da ilha) propunha a reconstrução da imagem do negro, o incutir nos haitianos o sentimento de orgulho na raça, o retomar dos pensadores tradicionais o legado capaz de funcionar como modelo de acção para uma *doutrina original*, que permitisse reaver os valores da herança africana na sociedade haitiana. Sendo negra a esmagadora maioria da população do Haiti, o Indigenismo significou valorizar o conceito de *indigène*, atribuído ao negro, e também o de *griot* (uma espécie de goliardo ou menestrel de sentido algo

---

<sup>12</sup> BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 52.

<sup>13</sup> Id. **O que é Negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 26-27.

pejorativo), visto que os vestígios da cultura pré-colombiana se tinham esfumado com o genocídio dos índios desde os primeiros momentos da colonização.<sup>14</sup>

Outro movimento de grande importância foi o Negrismo cubano. Tendo à sua frente o poeta Nicolas Guillén, cuja poesia teve uma repercussão pelo mundo negro comparável à do norte-americano Langston Hughes, o movimento inspirado, em parte no Renascimento Negro norte-americano e com afinidades com o Indigenismo haitiano, surge em 1930 quando Guillén “publica *Motivos de son*, a obra que revoluciona a poesia cubana, afastando-a em definitivo, da subserviência em relação aos modelos europeus”,<sup>15</sup> produzindo segundo R. F. Retamar, “um corte artístico radical”.<sup>16</sup> De acordo com Pires Laranjeira, a idéia de Negrismo “consistiu no trabalho poético a partir da linguagem e das culturas crioulas (musical e folclórica), populares, mestiças, nacionais”.<sup>17</sup> Zilá Bernd observando que, ao contrário do Haiti, em Cuba os negros consistem em uma minoria, acrescenta que para essa minoria “ser cubano autêntico passa a ser reivindicar sua parte de cultura negra, o elemento fundamental que o distingue do europeu”.<sup>18</sup> Para ela, essa reivindicação é essência do Negrismo cubano.

A poesia foi o gênero literário predominante no Negrismo cubano enquanto que no Indigenismo haitiano foi a prosa.

### A Negritude francófona

Todos esses movimentos culturais surgidos a partir do Pan-africanismo (Renascimento Negro, Indigenismo haitiano e Negrismo cubano) foram de vital importância para a eclosão da Negritude em Paris nos anos 30, sob a liderança do martinicano Aimé Césaire, do senegalês Leopold Sedar Senghor e do guianense Leon Damas. Segundo Benedita Damasceno, o movimento:

Surgiu como uma forma de recusa à pura assimilação da cultura européia por parte de intelectuais negros africanos, antilhanos, e outros, em detrimento de sua própria identidade cultural, e como uma tentativa de retorno às tradições e valores primordiais da raça negra;

<sup>14</sup> LARANJEIRA, Pires. *A Negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995, p. 33.

<sup>15</sup> Ibid., p. 37.

<sup>16</sup> RETAMAR apud Ibid.

<sup>17</sup> Ibid., p. 36.

<sup>18</sup> BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 52.

era uma tentativa de corrigir as distorções observadas pelos intelectuais africanos e neo-africanos entre a cultura que lhes era imposta e a sua própria realidade circundante e impedir a desagregação de sua unidade cultural.<sup>19</sup>

Zilá Bernd comenta a origem do movimento e o significado do termo “negritude”:

O movimento surgido por volta de 1934, em Paris, e que foi definido pelo poeta antilhano Aimé Césaire como uma revolução na linguagem e na literatura que permitiria reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo, só foi batizado com o nome de negritude em 1939, quando ele é utilizado pela primeira vez em um trecho de *Cahier d'un retour au pays natal* (*Caderno de um regresso ao país natal*), poema de Césaire que se tornou a obra fundamental da negritude; [acrescentando que] a palavra negritude, em francês, tem uma força de expressividade e mesmo de agressividade que se perde em português, por derivar de *nègre*, termo pejorativo, usado para ofender o negro, uma vez que existe a palavra *noir*. A idéia foi justamente assumir a denominação negativamente conotada para reverter-lhe o sentido, permitindo assim que a partir de então as comunidades negras passassem a ostentá-lo com orgulho e não mais com vergonha ou revolta.<sup>20</sup>

A Negritude utilizou-se essencialmente da poesia como meio de propagação de suas idéias e como movimento poético, com valores estéticos diferenciados dos padrões ocidentais e inseridos no seu grito de revolta, encontrou ecos em todo o mundo negro, principalmente na África e nas Américas, transformando a poesia numa arma de combate contra a assimilação cultural, o racismo e o colonialismo europeu, a que os negros estavam submetidos, convertendo o movimento poético-cultural em político-social, que enorme influência teria na luta pela independência dos estados africanos colonizados pelas nações européias, e na conscientização do negro em diáspora que o levou a reivindicar o seu lugar na sociedade e na história do país onde vive e teve participação ativa em sua construção. Kabengele Munanga, examinando textos negritudinistas, elenca os três objetivos principais do movimento:

Buscar o *desafio cultural* do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização não *universal* como extensão de uma regional imposta pela força – mas uma

<sup>19</sup> DAMASCENO, Benedita Gouveia. **Poesia negra no Modernismo brasileiro**. Campinas: Pontes, 1988, p. 12.

<sup>20</sup> BERND, Zilá. **O que é Negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 17.

civilização do *universal*, encontro de todas as outras, concretas e particulares.<sup>21</sup>

Um pouco à frente, Munanga afirma que Césaire, um dos principais mentores da Negritude, redefiniu-a em três palavras: Identidade (o assumir-se como negro), Fidelidade (a ligação permanente com a origem africana), e Solidariedade (o sentimento de união entre todos os negros). Essa redefinição do movimento, segundo Zilá Bernd, foi feita por Césaire em uma entrevista concedida a Jacqueline Leiner em 1984, da qual a autora cita o trecho que contém a afirmação do poeta:

Vocês me perguntaram quem sou eu? Respondo; eu sou, primeiramente, o homem de uma comunidade historicamente situada, eu sou negro e isto é fundamental. Esta é a definição de minha *identidade*. Eu pertencço, pois, a uma história. É a afirmação de uma *fidelidade*. Em meu espírito não há lugar para a negação, é também a afirmação de uma *solidariedade*. Isto significa que me sinto solidário com todos os homens que lutam pela liberdade, com todos os homens que sofrem, e antes de tudo com aqueles que mais sofreram e que foram freqüentemente esquecidos, eu falo dos Negros.<sup>22</sup>

A concepção de solidariedade para Césaire é dirigida aos negros em primeiro plano, mas não é de exclusão aos oprimidos de outras raças. A idéia de um racismo ao contrário foi uma das principais críticas de que a Negritude seria alvo, como veremos adiante.

A Negritude, enquanto movimento de resgate e valorização da identidade africana, encontrou adeptos onde quer que houvesse comunidades negras, mas também sofreu duras críticas que provocaram um desgaste que a conduziram à “sua condenação à morte no I Festival Cultural Panafricano de Argel, em 1969”.<sup>23</sup> Não nos cabe aqui comentar todas as críticas direcionadas ao movimento, visto que isso foge ao propósito deste trabalho. Interessa-nos somente analisar como a “solidariedade entre negros de todo o mundo” aparece na poética de escritores negros de língua portuguesa. Lembramos também, a título de informação, que essa solidariedade apenas entre elementos da raça negra foi a responsável por grande parte das críticas que o movimento recebeu, por entenderem os críticos que ela deveria ser extensiva a todos os oprimidos, independente de cor e raça. A principal crítica talvez tenha sido a que foi feita por Jean-

<sup>21</sup> MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986, p. 43-44.

<sup>22</sup> LEINER apud BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 65.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 31.

Paul Sartre em *Orfeu negro*, na qual alertou para o perigo do movimento tornar-se “um racismo às avessas”.<sup>24</sup>

Num balanço feito por Zilá Bernd<sup>25</sup> sobre os principais lucros e perdas da Negritude, constata-se que os ganhos foram maiores e por isso o movimento, apesar de suas falhas, desempenhou um importante papel na história, dando uma grande contribuição à geração da época e deixando um precioso legado às gerações futuras de escritores negros. Na visão de Benedita Damasceno, todos os poetas negros posteriores à Negritude, independente do idioma, devem a esse movimento o legado de independência política, lingüística e espiritual que lhes possibilitou criar poesias construídas a partir de seu mundo, educação e talento, capazes de descrever seus mundos e culturas em línguas européias.<sup>26</sup>

### A solidariedade através da poesia

A par das críticas sofridas pela Negritude por pregar uma solidariedade sem fronteiras, que unisse artificialmente povos geográfica, histórica e culturalmente diferentes, que tinham em comum a cor da pele e a origem africana, Kabengele Munanga conclui que não é possível conceber uma unidade política, sócio-econômica e geográfica de todos os povos negros do mundo, mas por outro lado é possível estabelecê-la de forma histórica e psicológica:

Na história da humanidade, os negros são os últimos a serem escravizados e colonizados. E todos, no continente como na diáspora, são vítimas do racismo branco. A nível emocional, essa situação comum é um fator de unidade, expressa pela solidariedade que ultrapassa as outras fronteiras. E, como se sabe, grandes mobilizações políticas e ideológicas podem ser feitas, partindo-se da emoção entre povos diferentes.<sup>27</sup>

E é justamente essa opressão sofrida pelos negros em qualquer parte do mundo que vai gerar esse elo emocional, que será responsável pela cimentação dessa unidade negra de que vai se nutrir boa parte dos poetas negros de língua portuguesa no momento de redescoberta das origens e reivindicação cultural e política (esta última somente para os africanos). Desse modo, são exaltadas com orgulho as personalidades do mundo

<sup>24</sup> BERND, Zilá. **O que é Negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 31.

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> DAMASCENO, Benedita Gouveia. **Poesia negra no Modernismo brasileiro**. Campinas: Pontes, 1988, p. 34.

<sup>27</sup> MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986, p. 57.

negro que conseguiram romper a mordação imposta pela escravidão e pelo racismo branco e se tornaram personagens históricas. Assim, Toussaint-Louverture, Louis Armstrong e Aimé Césaire não são apenas negros do Haiti, dos Estados Unidos e da Martinica, eles são, acima de tudo, cidadãos do mundo negro e, portanto, pertencem a todos de sua raça e cor.

Antes de entrarmos na análise de alguns poemas significativos que expressam a solidariedade rática em língua portuguesa, é necessário lembramos duas observações: a primeira feita por Pires Laranjeira em *A negritude africana de língua portuguesa* (1995),<sup>28</sup> de que esta deriva em parte da Negritude francófona e também por assimilação direta das mesmas fontes que influenciaram o movimento parisiense, o fenômeno que o autor denominou de “processo de intuição e situação contextual semelhante”, ou seja, criou-se um discurso negritudinista pela assimilação dos fundamentos do Pan-africanismo, Renascimento Negro norte-americano, Indigenismo haitiano e Negrismo cubano, cujo principal exemplo é a poesia da moçambicana Noémia de Sousa, que escreveu seus poemas nitidamente negritudinistas sem ainda conhecer o movimento de Césaire, Senghor e Damas; e a segunda, feita por Zilá Bernd<sup>29</sup> sobre a função do poeta da Negritude, que segundo a autora, consiste em fazer da lírica o espaço de aceitação da tarefa de tornar-se o “porta-voz da comunidade à qual pertence”. Desse modo, ao se identificar com o mundo de que é porta-voz, o poeta assume na primeira pessoa do singular a história do seu povo, e essa identificação total com o povo negro já é em si uma manifestação de solidariedade.

De acordo com o ensaísta angolano Mário Pinto de Andrade,<sup>30</sup> quem primeiro exprimiu a Negritude em língua portuguesa foi Francisco José Tenreiro em seu livro *Ilha de nome santo*, publicado em 1942, assinalando que o poeta são-tomense encontrou por si só as formas mais autênticas da expressão subjetiva e objetiva da Negritude, compondo uma obra na qual há um feliz encontro entre temas da sua terra de origem (São Tomé) e a exaltação do homem negro de todo o mundo. “Epopéia” é um dos seus

---

<sup>28</sup> LARANJEIRA, Pires. *A Negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995.

<sup>29</sup> BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 60.

<sup>30</sup> Cf. ANDRADE, Mário de; TENREIRO, Francisco José. Poesia negra de expressão portuguesa. In: LARANJEIRA, Pires. (Org.). *Negritude africana de língua portuguesa: textos de apoio* (1947-1963). Coimbra: Angelus Novus, 2000, p. 16.

poemas em que a Negritude é expressada através da solidariedade ao negro oprimido na diáspora e também ao negro vencedor:

No Brasil  
ganhaste calo nas costas  
nas vastas plantações do café!  
No Norte  
foste o homem enrodilhado  
nas vastas plantações do fumo!  
[...]  
Quando cantas nos cabarés  
fazendo brilhar o marfim da tua boca  
é a África que está chegando!

Quando nas Olimpíadas  
corres veloz  
é a África que está chegando!  
Segue em frente  
irmão!  
Que a tua música  
seja o ritmo de uma conquista!

... para que a tua gargalhada  
de novo venha estraçalhar os ares  
como gritos agudos de azagaia.<sup>31</sup>

A dor dos negros escravizados, expostos a trabalhos árduos nas plantações da América (do Sul e do Norte), pertence a toda a raça negra, assim como o sucesso de cantores e esportistas que conseguiram mostrar ao mundo que o negro também era capaz de ser vitorioso. Dessa forma, quando, nas Olimpíadas de Berlim em 1936, um atleta negro vence uma corrida, impondo uma amarga derrota a Hitler e a tese da superioridade da raça ariana, não é a vitória de um homem só, mas de toda uma raça. O orgulho da identidade negra aparece mesclado ao sentimento de solidariedade. Agostinho Neto em *Introdução a um colóquio sobre poesia angolana* comenta essa comunhão entre os negros de todo o mundo:

Quando a música negra americana invadiu os salões da Europa, os negros de todo o mundo sentiram com os seus irmãos americanos a alegria de poderem ser ouvidos, mesmo através do trompete. Os murros de Joe Louis foram aplaudidos em todo o mundo negro. Porém, mais importante do que estes factos é o sentimento de solidariedade e de comunidade que existe entre os negros de todo o mundo. Este mundo disperso pelas Américas, Europa e África, formado fora e dentro de África por indivíduos desenraizados dos seus

---

<sup>31</sup> TENREIRO apud. ANDRADE, Mário de. *Antologia temática de poesia africana*: na noite grávida de punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1975, p. 138-139. v. 1.

povos e das suas culturas, mestiços culturais portanto, vivendo marginalmente na civilização européia, descobriu-se a si próprio.<sup>32</sup>

Dentre os vários poemas de teor negritudista de Agostinho Neto está “Voz do sangue”, no qual o poeta angolano faz eco às vozes negras vindas da América, tornando-se também um porta-voz do povo oprimido:

Palpitam-me  
os sons do batuque  
e os ritmos melancólicos do blue

Ó negro esfarrapado do Harlem  
Ó negro dançarino de Chicago  
Ó negro servidor da South

Ó negro de África

negros de todo o mundo

eu junto ao vosso canto  
a minha pobre voz  
os meus humildes ritmos

Eu vos acompanho  
pelas emaranhadas áfricas  
do nosso Rumo

Eu vos sinto  
negros de todo o mundo  
eu vivo a nossa Dor  
meus irmãos.<sup>33</sup>



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

Essa “voz do sangue” que faz com que o poeta sintam-se solidário com os seus, padecendo da mesma dor comum a todos, num mundo negro destituído de fronteiras lingüísticas e geográficas, segundo Miguel Gusmão,<sup>34</sup> não pode ser ignorada, porque ignorá-la é trair a si próprio e todos aqueles que o têm como porta-voz da sua luta diária. Ela está em sintonia com a Mãe-África que lhe deu vida e que reclama uma voz que faça ouvir o grito de lamento e dor de todos os negros oprimidos.

<sup>32</sup> NETO, Agostinho. Introdução a um Colóquio sobre poesia angolana. In: LARANJEIRA, Pires. (Org.). **Negritude africana de língua portuguesa: textos de apoio (1947-1963)**. Coimbra: Angelus Novus, 2000, p. 53.

<sup>33</sup> NETO apud. ANDRADE, Mário de. **Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais**. Lisboa: Sá da Costa, 1975, p. 147. v. 1.

<sup>34</sup> GUSMÃO, Miguel Nuno Freire de Vasconcelos. Literaturas africanas de expressão portuguesa – malhas que o império tece. **Estudos portugueses e africanos**. Campinas, n. 36, p. 21-36, jul./ dez. 2000, p. 21-36.

Viriato da Cruz foi outro grande poeta angolano que lançou sua voz ao encontro de outras vozes negras. Em “Mamã Negra (Canto de Esperança)”, poema escrito em 1949 e dedicado à memória do poeta haitiano Jacques Roumain, o sujeito poético se solidariza com seus irmãos de raça e destino, ao chamar a atenção para o drama da raça negra, descrevendo o coro de vozes de lamentos de negros escravizados, discriminados e colonizados, e reverencia a voz dos grandes porta-vozes do mundo negro americano, eles também solidários com a Mamã Negra e seus filhos de pior sorte:

Tua presença, minha Mãe – drama vivo numa Raça,  
drama de carne e sangue  
que a Vida escreveu com a pena dos séculos!

Pela tua voz  
Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais  
[dos seringais dos algodoais!...  
Vozes das plantações de Virgínia  
dos campos das Carolinas  
Alabama  
Cuba  
Brasil...  
Vozes dos engenhos dos banguês das tongas dos eitos  
[das pampas das minas!  
Vozes de Harlem Hill District South  
Vozes das sanzalas!  
Vozes gemendo *blues*, subindo do Mississipi, ecoando  
[dos vagões!  
Vozes chorando na voz de Corrothers:  
*Lord God, what will have we done*  
- Vozes de toda América! Vozes de toda África!  
Voz de todas as vozes, na voz ativa de Langston  
Na bela voz de Guillén...<sup>35</sup>

Esse poema, na opinião de Pires Laranjeira, inscreve-se nos moldes negritudinistas “pela atenção especial à *diáspora*, na medida em que lhe imprime a assunção e a exaltação da *raça* e o vínculo à matriz do continente africano de todos os negros espalhados pelo mundo”.<sup>36</sup>

Na poética afro-brasileira, a primeira voz a integrar esse coro formado por vozes americanas, antilhanas e africanas, foi a de Solano Trindade. Zilá Bernd<sup>37</sup> afirma que em *Cantares do meu povo* (1961), a principal obra do poeta, ele dialoga diretamente

<sup>35</sup> CRUZ apud ANDRADE, Mário de. **Antologia temática de poesia africana**: na noite grávida de punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1975, p. 155. v. 1.

<sup>36</sup> LARANJEIRA, Pires. **A Negritude africana de língua portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1995, p. 369.

<sup>37</sup> BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 87.

com Langston Hughes e Nicolas Guillén, transformando-se no representante brasileiro da linhagem a qual vinculam-se os seus dois ilustres interlocutores. O poema “Também sou amigo da América” soa como um eco de “I too sing America”, de Hughes, expressando uma fraterna manifestação de apoio ao grito de reivindicação do poeta norte-americano que reclama seu espaço na sociedade que ajudou a construir:

América  
eu também sou teu amigo  
há na minh’ alma de poeta  
um grande amor por ti.  
Corre em mim sangue do negro  
que ajudou na tua construção.<sup>38</sup>

E em “Nicolas Guillén” estende o seu abraço fraterno ao irmão cubano:

Nicolas  
Nicolas Guillén  
Meu irmão de Cuba  
Nicolas Guillén.<sup>39</sup>

Solano Trindade é o primeiro poeta brasileiro negro a integrar-se plenamente na corrente poética negritudinista, com uma produção literária fundamentada nos principais pressupostos do movimento que desde os anos 30 circulava pelo mundo negro. Zilá Bernd comenta essa busca de uma sintonia com os negros de toda a América e de todo mundo, presente na obra do poeta, classificando-o como uma figura exponencial da poesia negra que não conhece fronteiras:

A produção poética de Solano Trindade ganhará força na medida em que for focalizada a partir de seu caráter *transtextual*: fundando-se numa busca de identidade, que não é apenas individual ou nacional, mas solidária com todos os negros da América (e do mundo) empenhados na preservação de uma identidade comum, ela se põe em relação manifesta com textos literários dos três Américas.<sup>40</sup>

Outro grande poeta afro-brasileiro que parece perfeitamente integrado à corrente negritudinista é o gaúcho Oliveira Silveira, cuja poesia apresenta uma solidariedade a todos os negros da América, além de uma preocupação constante com as origens africanas, materializada numa permanente ligação com a África. O poema “Alô” expressa essa solidariedade pan-afro-americana:

---

<sup>38</sup> BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 88.

<sup>39</sup> Ibid.

<sup>40</sup> Ibid., p. 91.

Alô Guianas  
Surinam  
Colômbia  
Todaamérica  
nossos tambores  
de caule e couro  
e som de cerne  
se saúdem  
fraternos.<sup>41</sup>

Esse poema, segundo Sérgio Adolfo,<sup>42</sup> apresenta o som do tambor (tantã) como símbolo de união entre os negros de toda a América (e de todo mundo), e também é o elemento de ligação com a ancestralidade africana. A voz, elemento essencial do diálogo, aliada ao tantã, a exemplo do poema anterior, surge novamente no poema “Vozes”, exprimindo a solidariedade que une os poetas negros, não importando o idioma ou localidade geográfica, haja vista que é o “tantã”, a voz do sangue, o responsável por essa união:

Roucas quentes fortes vozes  
vivas vozes  
chamaram meus irmãos poetas  
mar afora  
porto adentro  
e todos responderam  
- Sim !  
Longes vozes chamaram  
na voz do vento leste  
nas correntes marinhas  
nas veias sanguíneas  
no tantã dos trovões  
e meu coração tantã  
respondeu  
- Aqui estou!<sup>43</sup>

O som de um *spiritual song*, considerado pelo angolano Mário de Andrade<sup>44</sup> como o que há de mais lírico na literatura negra e que é a primeira forma de expressão artística dessa literatura na América do Norte, serve de fonte de inspiração para um poema (Let my people go), cuja matéria poética é a união e a solidariedade do povo negro, frente às práticas de exclusão racial de algumas sociedades segregacionistas:

<sup>41</sup> SILVEIRA, Oliveira. **Roteiro dos tantãs**. Porto Alegre: Edição do autor, 1981, p. 13.

<sup>42</sup> ADOLFO, Sérgio Paulo. Vozes negras em terra de branco. **Signum**: estudos lingüísticos, Londrina, n. 3, p. 19-30, set. 2000.

<sup>43</sup> SILVEIRA, 1981, op. cit., p. 2.

<sup>44</sup> ANDRADE, Mário de. A literatura negra e seus problemas. In: LARANJEIRA, Pires. (Org.). **Negritude africana de língua portuguesa**: textos de apoio (1947-1963). Coimbra: Angelus Novus, 2000, p. 9.

Deixem meu povo ir  
pelas longas estradas  
de mãos dadas  
deixem meu povo ir  
com faixas e cartazes  
deixem meu povo ir  
enegrecendo tudo  
pelas feias ruelas de seus guetos  
pelos corredores  
de suas escolas separadas  
deixem meu povo ir  
pelo seu lado da rua  
deixem meu povo ir  
assim de olhos compridos  
nas notas longas de um piston  
na pauta longa dos fios de chuva  
na melodia funda  
de um spiritual qualquer...<sup>45</sup>

Oliveira Silveira engrossa o coro das vozes que cantam “Let my people go”, dialogando não só com os cantores norte-americanos Paul Robeson e Marian Anderson, mas também com a poeta moçambicana Noémia de Sousa, que cerca de 30 anos antes, inspirada no mesmo *spiritual*, escreveu o poema “Deixa passar o meu povo”, expressando uma solidariedade que ultrapassava as fronteiras moçambicanas:

[...] Escrevo...  
Na minha mesa, vultos familiares se vêm debruçar.  
Minha mãe de mãos rudes e rosto cansado  
e revoltas, dores, humilhações,  
tatuando de negro o virgem papel branco.  
E Paulo, que não conheço  
mas é do mesmo sangue e da mesma seiva amada  
[de Moçambique,  
e misérias, janelas gradeadas, adeuses de magaícas,  
algodoais, e meu inesquecível companheiro branco,  
e Zé – meu irmão – e Saul,  
e tu, Amigo de doce olhar azul,  
pegando na minha mão e me obrigando a escrever  
com o fel que me vem da revolta.  
Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro,  
enquanto escrevo, noite adiante,  
com Marian e Robeson vigiando pelo olho luminoso do rádio  
- *let my people go*  
- *oh let my people go*

E enquanto me vierem de Harlem  
vozes de lamentação  
e meus vultos familiares me visitarem  
em longas noites de insónia

<sup>45</sup> SILVEIRA, Oliveira. **Roteiro dos tantãs**. Porto Alegre: Edição do autor, 1981, p. 12.

não poderei deixar-me embalar pela música fútil  
das valsas de Strauss.  
Escreverei, escreverei  
Com Robeson e Marian gritando comigo:  
*Let my people go*  
OH DEIXA PASSAR O MEU POVO.<sup>46</sup>

O poeta moçambicano José Craveirinha<sup>47</sup> afirma que nos poemas de Noémia de Sousa é ela cantando para sua Mãe-África e todos seus irmãos de destino. Dessa forma, sua poética tem como um de seus alicerces a solidariedade para com todos os seus irmãos negros. Assim, embalada pelas vozes de Robeson e Marian, ela também torna-se uma porta-voz dos oprimidos anônimos (Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro, enquanto escrevo) ao, através da escrita de um poema, criar um elo entre as distantes vozes da América e o povo moçambicano (e por extensão todo povo africano), concebendo uma solidariedade universal que se estende também ao branco que se encontra oprimido pelo sistema colonial português em Moçambique.

O poema de Noémia de Sousa, além de ser um diálogo direto com o Renascimento Negro norte americano, representado pelo *spiritual song* de Robeson e Marian, também vai ao encontro do ideal de solidariedade de muitos críticos da Negritude, que entendiam que essa deveria ser estendida a todos os oprimidos, independente de cor ou raça. Assim, o poema ultrapassa não só as fronteiras geográficas entre a América e a África, mas, principalmente, as fronteiras da própria solidariedade que era expressa naquele momento pela poesia negra, alcançando o que Zilá Bernd<sup>48</sup> chamou de o maior propósito pelo qual a Negritude foi criada, que era promover a igualdade entre todos os homens.

### Considerações finais

A poética da solidariedade negra apresenta-se sempre aliada aos outros dois conceitos concebidos por Aimé Cesaire, pois quando o poeta negro expressa sua solidariedade aos negros de todo o mundo, exaltando suas conquistas ou sofrendo suas dores e humilhações, ele está automaticamente se aceitando e se orgulhando de sua raça,

---

<sup>46</sup> SOUSA, Noémia de apud. ANDRADE, Mário de. **Antologia temática de poesia africana**: na noite grávida de punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1975, p. 153-154. v. 1.

<sup>47</sup> CRAVEIRINHA, José. Noémia de Sousa. In: LARANJEIRA, Pires. (Org.). **Negritude africana de língua portuguesa**: textos de apoio (1947-1963). Coimbra: Angelus Novus, 2000, p. 102.

<sup>48</sup> BERND, Zilá. **O que é Negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 32.

o que nos remete ao conceito de “identidade”, e ao fazê-lo, ele também está mantendo sua “fidelidade” às origens africanas. Portanto, há por parte do poeta negro integrado na corrente negritudinista um constante desejo de comunhão com todos os homens pertencentes à raça negra, e ele (poeta), ao agir como porta-voz do seu povo, elabora uma poética que não conhece fronteiras geográficas ou lingüísticas, transformando o espaço da criação literária num território comum, como bem observou Zilá Bernd,<sup>49</sup> ao mencionar como uma das particularidades da poesia negra o sentimento de pertencer a um território ficcional onde se encontram todos os condenados da terra, independente do continente em que vivem, ou, conforme Francisco José Tenreiro,<sup>50</sup> do idioma que falem, pois segundo ele, a poesia negra é expressa em línguas diferentes (francês, inglês, espanhol e português) e, no entanto todos os poetas negros se entendem entre si.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

---

<sup>49</sup> BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 36.

<sup>50</sup> ANDRADE, Mário de; TENREIRO, Francisco José. Poesia negra de expressão portuguesa. In: LARANJEIRA, Pires. (Org.). **Negritude africana de língua portuguesa: textos de apoio** (1947-1963). Coimbra: Angelus Novus, 2000, p. 19.